

Nathalie Paton*

Radicalização: Uma consequência das injunções à individação?

1. Radicalização e subjetividade

A apresentação de hábitos de mídia ligados às formas contemporâneas de radicalização – como jihadismo ou ataques a tiros em escolas – é comumente considerada uma prática de risco para jovens. Esta ideia leva em conta a existência de ferramentas de propaganda em circulação na internet, o perigo de inscrições em fóruns online e a extraordinária eficácia das comunidades digitais como elementos que ajudam a preencher as fileiras do Estado Islâmico. Esta interpretação da atividade de mídia de uma parcela desviante dos jovens faz parte de uma lógica de riscos característica da condição sócio-histórica contemporânea.

A noção de risco veio para substituir antigas certezas e tornou-se o horizonte liminar

* Socióloga, pesquisadora na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Centre National de la Recherche Scientifique.

** Este artigo é uma versão de: Paton, N. (17 de maio de 2016). Radicalisation et injonctions à l'individualisation. Mondes Sociaux.

Disponível em: <https://sms.hypotheses.org/7707>

A blackish fluid excavation, 2018
Steel and resin - 150 x 140 x 740 cm
©Anish Kapoor.
All rights reserved DACS/SAVA 2020



de nossas percepções do social. Com o fim dos grandes princípios, ligados à sociedade industrial clássica e à crença na ideologia do progresso, a modernidade foi ultrapassada sob dois ângulos complementares. De um lado, a dissolução dos grandes princípios que organizam a vida social com a redistribuição da responsabilidade por riscos para o âmbito coletivo e global; do outro, os efeitos dessa transformação sócio-histórica sobre a individualização dos seres. A partir da reconfiguração dos laços sociais, o indivíduo dispõe de maior independência em relação às formas tradicionais da vida social – familiares, de classe, de

gênero. Assim, este indivíduo possui também maior margem de manobra para tomar decisões. A individualização, vivida de maneira coletiva, faz da identidade um projeto. Ela não é mais herdada de maneira irrefletida, natural ou sistemática; ela é, agora, fruto de um trabalho reflexivo dos indivíduos. O benefício imediato disso seria a emancipação, com o grupo escolhido pelo indivíduo tornando-se um suporte à experiência individual. A contrapartida seria a fadiga de ser si mesmo.

Afinal, se a individuação pode ser vista em função de sua variante positiva (enquanto acesso à emancipação), a existência de um

segundo polo não deve ser negligenciada: o sofrimento acompanha, às vezes, a individualidade esperada. A contrapartida do declínio institucional é, dessa maneira, que o indivíduo solicitado pelas instituições, deva assumir a responsabilidade de desenvolver uma biografia pessoal singular e estruturar o sentido de sua própria vida.

Segundo este raciocínio, o investimento em hábitos de mídia desviantes é um trabalho de produção de si. Este é o nosso tema aqui. Empregando esta visão analítica, tentamos expandir os trabalhos sobre a produção do indivíduo de maneira a entendê-la por meio de um movimento pendular que associa declínio institucional e injunção contemporânea à autonomização subjetiva. Em seguida, discerniremos os desafios aos quais são confrontados os internautas que escolhemos estudar, precisamente aqueles que tomam o espaço da tela para marcar sua diferença e desenvolver uma rede de sociabilidade em torno da radicalização. Finalmente, buscaremos entrever os paradoxos que as imposições sociais contemporâneas entregam aos indivíduos.

2. Uma etnografia online dos ataques a tiros em escolas

O fenômeno dos *school shootings* serve de estudo para este caso. Columbine, Virginia Tech ou Jokela dizem respeito a este tipo de ataque a tiros em escolas: um aluno, após premeditar sua passagem ao ato, vai à escola com o objetivo de assassinar pessoas usando armas de fogo escolhendo de modo aleatório seus alvos. Essa forma de violência rara, mas espetacular, caracteriza-se por uma cobertura internacional em todas as formas de mídia, garantindo uma publicidade extraordinária para seu autor.

Para compreender os motores sociológicos do recurso à radicalização, é preciso prestar atenção no material que os jovens “fãs” dos ataques a tiros em escolas criam *via* suas atividades digitais, isto é, conversas online, perfis de utilizador, vídeos. Uma etnografia onli-

ne de três anos de duração, empreendida no *YouTube* entre os anos 2007 e 2011, coloca em destaque as razões pelas quais a radicalização dos jovens está em pleno crescimento de diferentes formas. Analisaremos em particular: 1. A comunidade digital de fãs de *school shootings*, tanto quanto seja possível distingui-la no *YouTube*; 2. O conjunto de participações online dos assassinos em sete casos de fuzilamentos escolares acontecidos entre os anos 1999 e 2011. A demonstração repousa, assim, sobre a análise detalhada de uma dezena de conjuntos de participações online de assassinos, um pouco menos de uma centena de perfis de utilizador, quase duzentos vídeos autoproduzidos, além de informações recolhidas durante sessões de observação direta no *YouTube*.

3. Motores sociológicos do processo de radicalização

3.1. Um suporte à individuação

A análise daquilo que gera a fascinação por massacres em escolas, no seio da rede subversiva estudada, mostra o que está em jogo na participação em mídias: a possibilidade de sair do isolamento e compartilhar com jovens de diferentes horizontes o ressentimento em relação aos desafios da existência. No entanto, do que é feito esse mal-estar que conduz a esse tipo de engajamento?

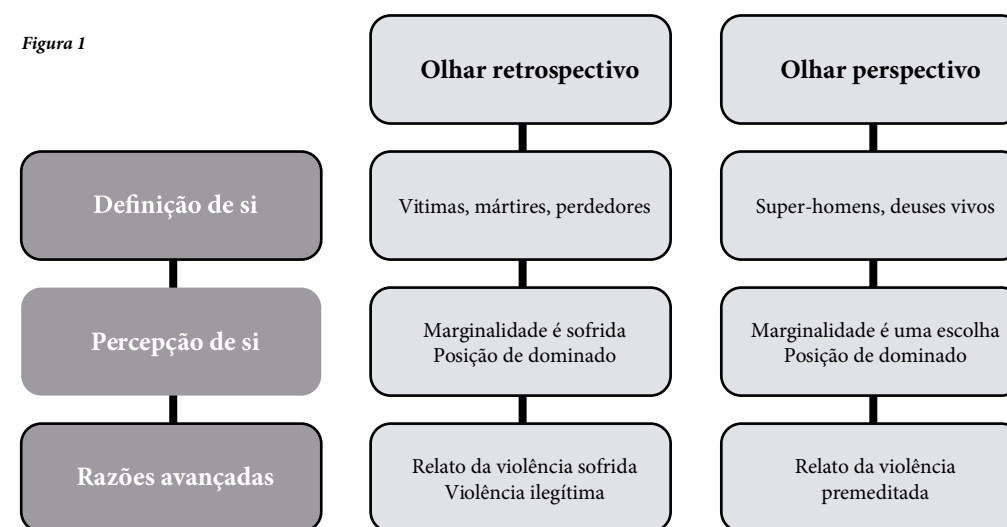
A contribuição digital é uma forma de inverter o estigma: os jovens reclamam sua marginalidade ao invés de serem submetidos a ela. Eles definem-se, então, como seres dotados de uma hiperclarividência de espírito em oposição à massa de alienados pelo conformismo. Pelo viés desta inversão de perspectiva, a rede de sociabilidade dos jovens se torna uma maneira de afastar os papéis sociais exógenos e de adquirir mais autonomia subjetiva. Em suma, os ataques a tiros em escolas representam um suporte à individuação para os membros da subcultura que, antes de sua participação online, estão engajados em uma busca por referências e por sentido.

3.2. A saída para uma busca de individualidade e individuação póstuma

Ao analisar os vídeos dos autores dos massacres, percebe-se que o engajamento com a radicalização também se trata de um processo de individuação. O projeto do ataque é o que permite a inversão de atitude e torna-se, assim, fiador da autonomia e da liberação subjetiva.

Podemos ir além nesta constatação se prestarmos atenção na mudança do olhar dos assassinos, com o foco passando de seu passado para o seu futuro (ver Figura 1).

Figura 1



Enquanto eles mantêm um olhar retrospectivo sobre si mesmos, suas experiências e seus motivos para passar ao ato, suas definições baseiam-se na dominação social que sofrem. Quando, ao contrário, voltam-se para o projeto do massacre uma inversão se opera. Eles continuam a se posicionar em relação à dominação, mas, desta vez, sentem-se livres do controle da dominação social, tornam-se senhores de seus destinos. O projeto do ataque autoriza em definitivo o acesso a este estado de indivíduo autônomo e emancipado.

Mais exatamente, o processo de radicalização autoriza um processo de individuação póstuma do tipo “anti-sujeito”. Ao tomar o termo “anti-sujeito” de Wieviorka (2005), a ênfase

se está no procedimento da individuação que passa pela destruição, pelo caos e pela morte. Neste caso, esta individuação se dá de maneira póstuma: eles se “suicidam por policial”; não se matam, a morte sendo a última prova de individualidade. Finalmente, sua individuação é selada pela celebridade que alcançam com seus atos de violência, pois se tornam – a partir daí – imortais.

3.3. Injunção à individuação: Impasse e paradoxo

O que esses dois tipos de atores tendem a fazer são os impasses e paradoxos das imposições à individuação.

Enquanto a individualidade é um valor primordial das sociedades democráticas contemporâneas, e a individuação, uma imposição, a diferenciação tornou-se a norma e esses jovens não deixam de enfatizar isso. Um dos elementos implícitos à injunção à individuação é que a diferenciação, isto é, a construção de figuras da alteridade, deve ser expressa no espaço da conformidade e não deve vir a ameaçar a ordem social. No entanto, essas figuras da alteridade – como são projetadas

pelos membros das comunidades de admiradores dos ataques a tiros em escolas – são baseadas em rejeição e agressividade. Isto pode levar certos membros do grupo a nutrir um ódio cego em relação a um Outro relativamente indiferenciado, ou até a negar a relação com o Outro. A imposição à individuação pode, assim, alimentar uma ameaça à ordem social.

No entanto, além de uma relação com o Outro, os limites da imposição à individuação se exprimem, primeiramente, em uma relação consigo mesmo. Esses indivíduos fazem do individualismo uma profissão de fé, o que pode se transformar em uma crença cega na onipotência do indivíduo. Eles louvam a necessidade de serem atores de suas próprias vidas e senhores do seus destinos, a qualquer custo.

Essa reivindicação do individualismo pode chegar às concepções mais extremas de acordo com o potencial de cada indivíduo, levando à negação de qualquer determinismo ou qualquer lei social, moral ou biológica. Isto os conduz não apenas a nutrir esperanças quanto ao poder de que dispõem para definir suas vidas, mas, principalmente, a projetar uma definição de si auto-referencial.

4. O pretexto do político para fins identitários

Ao analisar o material produzido pelos autores dos ataques, percebemos que suas roteirizações são realizadas com fins expressivos provenientes de sua vontade de renegociar sua identidade. Esta observação vai ao encontro do conteúdo dos vídeos das comunidades de admiradores.

Essas análises ajudam a sustentar a ideia de que o processo de radicalização tem menos a ver com a defesa de um movimento político (como alguns pretendem) engajado em nome de uma justiça para as minorias vítimas de humilhação, do que com a promessa oferecida pela passagem ao ato: a possibilidade de recuperar o poder e retirar-se de um estado de subordinação. Nesse sentido, para os protago-

nistas não se trata tanto de se reposicionar no tabuleiro social enquanto membros de uma subcultura e de inverter os papéis sociais entre “perdedores” e “ganhadores” – para retomar sua própria terminologia.

Ao contrário, trata-se, principalmente, de adquirir autonomia e de experimentar sua individualidade ao redefinir sua identidade em termos valorizadores. Essa questão identitária, inscrita no fundamento do processo de radicalização, é de fato a principal reivindicação que transparece em suas bricolagens audiovisuais e na maneira com que se apropriam do crescimento expressivo das mídias participativas. O processo de radicalização é, desse modo, um processo que faz surgir a individualidade.

Conclusão

É interessante relacionar o presente trabalho com outras hipóteses apresentadas previamente, em particular em um livro dedicado à temática dos ataques a tiros em escolas (Paton, 2015). Neste estudo, mostra-se que as mídias participativas modificam os recursos dos movimentos sociais, das subculturas adolescentes ou dos grupúsculos extremistas. Elas constituem, assim, uma chave da expressão pública, um vetor da formação e da sustentação das comunidades digitais e, ao mesmo tempo, um instrumento de passagem ao ato. A chegada das mídias participativas facilita a fabricação e a distribuição de conteúdos digitais autoproduzidos pelos atores, que podem, a partir disso, colocar em cena suas reivindicações sem o intermédio das empresas de imprensa e até mesmo divulgar seus pontos de vista fora do controle da mídia tradicional. Como o exemplo emblemático dos atentados jihadistas, poderia igualmente confirmar como eventos perturbadores servem para impulsionar nas manchetes jornalísticas seus autores e suas produções multimídia, entendidas como mensagens pretensamente políticas a despeito de sua natureza identitária. Os ensinamentos sobre os usos das ferramentas de internet, presentes na

obra citada, articulam-se com as observações que acabamos de desenvolver neste artigo para sustentar a seguinte hipótese: por mais que as mídias participativas renovem os recursos das formas de adesão e de contestação social, o que faz a matéria própria da adesão às comunidades digitais subversivas vem do uso individuante que elas fazem dessas mídias participativas. Dito de outra maneira, as mídias contemporâneas reorganizam o campo do possível, mas são exatamente os usos singulares que conduzem à processos de radicalização.

Referências

- Beck, U., Giddens, A. e Lash, S. (1994). *Reflexive modernization: Politics, tradition and aesthetics in the modern social order*. Stanford: Stanford University Press.
- Ehrenberg, A. (1998). *La fatigue d'être soi: Dépression et société*. Paris: Odile Jacob.
- Khosrokhavar, F. (2014). *La radicalisation*. Paris: FMSH.
- Paton, N. (2015). *School shooting: La violence à l'ère de YouTube*. Paris: FMSH.
- Wieviorka, M. (2005). *Violence*. Paris: Balland.